

A IMAGEM EM SUAS DIVERSAS ABORDAGENS: BREVES CONSIDERAÇÕES A PARTIR DE SARTRE, DURAND E ELIADE

THE IMAGE IN ITS VARIOUS APPROACHES: BRIEF CONSIDERATIONS FROM SARTRE, DURAND AND ELIADE

Leonardo Magalde Ferreira¹

Resumo: O artigo tem por objetivo apresentar algumas das diversas concepções de imagem e imaginário surgidas no início do século passado a fim de contribuir para o debate acadêmico sobre o tema. Procura-se logo de início uma delimitação que dê suporte a estes dois temas assim como as definições providas por três autores: Jean Paul Sartre, Gilbert Durand e Mircea Eliade. A opção por estes pensadores busca mostrar como cada um trabalha a questão proposta à sua maneira juntamente com suas contrastantes e às vezes semelhantes conclusões. Em decorrência disto, ao passar do viés epistemológico de Sartre até à concepção simbólica proposta por Eliade, nota-se não só um tratamento diferenciado acerca da imagem e do imaginário, mas também como a faculdade imaginativa foi ganhando autonomia e reconhecimento do seu potencial criador e doador de sentido, especialmente no âmbito do sagrado.

Palavras-chave: Imagem, imaginário, consciência, imaginação, símbolo.

Abstract: The paper aims to present some of the different conceptions of image and imaginary that emerged at the beginning of the last century in order to contribute to the academic debate on the theme, searching for a delimitation that supports these two themes as well as the definitions provided by three authors: Jean Paul Sartre, Gilbert Durand and Mircea Eliade. The option for these thinkers seeks to show how each one works out the proposed question in his own way along with his contrasting and sometimes similar conclusions. As a result, from the epistemological treatment of Sartre to the symbolic conception proposed by Eliade, not only a differentiated treatment of the image and the imaginary emerge, but also how the imaginative faculty gained autonomy and recognition of its creative potential and giver of meaning, especially within the sacred.

Keywords: Image, imagery, consciousness, imagination, symbol.

Introdução

Dentre a gama de temas abordados no período contemporâneo com o desenvolvimento das ciências humanas, o tema da imagem e do imaginário ocupa um papel de destaque, trazendo diversas teorias contrárias entre si e contribuindo ao mesmo tempo para um maior entendimento acerca deste tema que remonta ao pensamento Antigo. De fato, inúmeros foram os pensadores que se debruçaram sobre este tema, mas nem sempre com análises compatíveis. Dentre estes podemos destacar Jean Paul Sartre (1905 – 1980), Gilbert Durand (1921 – 2012) e Mircea Eliade (1907 – 1986), todos empenhados na compreensão deste tema. Sartre por

¹Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário São Camilo. Pós-Graduado em Filosofia Contemporânea e História pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e Mestre em Ciências da Religião pela mesma instituição. E-mail para contato: leonardomagalde@hotmail.com

exemplo, vindo da corrente fenomenológica criada por Husserl aplica o método desenvolvido por este último à noção de imagem. Já Durand, em contrapartida, analisa a questão da imagem por um viés mais antropológico, no sentido de imagens compartilhadas pelo homem em formas estruturais. Seguindo uma linha de raciocínio parecida com a de Durand, Eliade, renomado pesquisador das histórias das religiões, enxerga nas imagens uma dimensão simbólica mais ampla. Para o historiador romeno, as imagens possuem uma autonomia própria e se relacionam com os aspectos mais profundos de nosso ser. Assim, é possível notar um tratamento diferenciado sobre a imagem nestes três pensadores. Se em Sartre há um tratamento epistemológico, centrado na busca por uma definição rigorosa como manda o método fenomenológico, em Durand e Eliade observa-se que a imagem não se reduz apenas a questão epistêmica, pelo contrário, pois é possível observar que ambos reconhecem o poder criador bem como o conteúdo significativo que a imagem carrega e como ela escapa a uma dimensão puramente conceitual.

Desse modo, podemos supor que há uma tensão entre explicar a imagem e compreendê-la. Como representante do primeiro modelo, temos Sartre e sua concepção fenomenológica, ao passo que os outros dois pensadores, Durand e Eliade, trabalham em busca de um modo em que a imagem seja compreendida em toda a sua autonomia, de modo que o objetivo do artigo será o de expor as teorias destes três pensadores tendo por fio condutor uma questão basicamente hermenêutica, a saber, como interpretar esta faculdade que o homem possui capaz de gerar imagem? Explicando ou compreendendo? Vejamos.

Aproximações metodológicas

Com o advento da contemporaneidade e seus avanços midiáticos, a imagem tornou-se um tema multifacetado, com diversas áreas e modos de abordá-la. Logo, ao se iniciar um trabalho cujo objeto de pesquisa é a imagem nota-se automaticamente a pluralidade de concepções e significados propostos a este tema e, conseqüentemente, uma dificuldade em tratá-la de modo mais direto. Todavia, conforme Etienne Higuét nos diz, mesmo em decorrência desta gama significativa ainda assim há um consenso sobre as características mais gerais da imagem. Segundo ele:

A grande diversidade de significados dificulta uma definição, mas podemos dizer que a imagem é algo que toma alguns traços emprestados de visual, e de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece (HIGUET, 2012, p. 73).

Tendo em vista esta dificuldade metodológica, julgamos importante salientarmos o fato de que usaremos em nosso trabalho a noção de imagem correlata à noção de imaginário, sendo este último entendido como:

[...] um conjunto de produções, mentais ou materializadas em obras, com base em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) e linguísticas (metáfora, símbolo, relato), formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a uma função simbólica no sentido de um ajuste de sentidos próprios e figurados (WUNENBURGER, 2007, p. 11).

Nesta mesma obra intitulada *O Imaginário*, Wunenburger nos chama a atenção para o grande número de abordagens que este tema recebeu no período contemporâneo e que não permaneceram apenas como dados acadêmicos, pois já se esboçava a busca por uma unificação filosófica deste tema. Segundo ele:

A descrição sistemática do imaginário humano, individual e coletivo, é fruto de um grande número de disciplinas, mas o avanço decisivo, realizado na segunda metade do século XX, liga-se menos à acumulação de dados novos do que a uma teorização propriamente filosófica (WUNENBURGER, 2007, p. 15).

Não obstante, dentro dessa multiplicidade de acepções às quais o imaginário foi sendo submetido recentemente, Wunenburger nos diz que há uma oscilação entre dois modos de conceber esta faculdade imagética presente em nós: um modo visto como estático e outro como ampliado, sendo o primeiro entendido de maneira negativa, limitada. Em contrapartida, o segundo modo é entendido como sendo amplo, pois abarcaria as inúmeras potencialidades do imaginário (WUNENBURGER, 2007, p. 13-14). Em outras palavras, por mais que exista um consenso de que o imaginário seja uma construção de cunho imagético, há uma oposição onde se compreende este último como sendo um "sistema estático fechado" e um "sistema dinâmico aberto" (WUNENBURGER, 2007, p. 15).

Sendo assim, acreditamos poder avançar em nossa exposição ao delimitar nosso tema em torno dos três autores citados em nossa introdução e que partilham cada um ao seu modo destas duas concepções. Daremos início com o filósofo francês Jean Paul Sartre, visto que segundo Wunenburger, por mais que tenha dedicado duas obras a respeito deste tema, Sartre mantém uma postura em ver o imaginário exatamente como o primeiro modo que citamos logo acima, identificando “a imaginação como uma visão nadificante da consciência e o imaginário como um irreal” (WUNENBURGER, 2007, p. 16). Vejamos mais atentamente.

A concepção sartriana de imagem

Dentre toda sua atividade filosófica, onde transitava também pela literatura, Sartre dedicou duas obras ao tema da imagem: *A imaginação* (1936) e *O imaginário* (1940). Nesta última o tema é tratado com mais profundidade, sendo dividida em uma primeira parte mais epistemológica e outra de cunho mais abrangente no que tange ao objetivo proposto pelo filósofo francês de efetuar uma abordagem fenomenológica. No que diz respeito ao nosso objetivo, deter-nos-emos na primeira parte da obra, intitulada "O certo". Sartre inicia esta parte de seu livro expondo a dificuldade envolvida na definição da imagem pelas correntes oriundas da psicologia em sua época e que partilhavam até o momento de uma posição chamada por ele de "ilusão da imanência". Segundo o filósofo francês, ocorria uma confusão em achar que a imagem representada estava *na* consciência:

Pensávamos, sem sequer nos darmos conta, que a imagem estava *na* consciência. Fazíamos da consciência um lugar povoado de pequenos simulacros, e esses simulacros eram as imagens. Sem dúvida alguma, a origem dessa ilusão deve ser procurada em nosso hábito de pensar no espaço e em termos de espaço. Nós a chamaremos *ilusão da imanência* (SARTRE, 1996, p. 16-17, grifo do autor).

Contrapondo-se a esta teoria, Sartre, advindo da corrente fenomenológica inaugurada por Edmund Husserl (1859 – 1938), traz para o centro da discussão a noção de consciência como intencionalidade. Nesta abordagem, central para a fenomenologia, toda consciência é consciência *de* alguma coisa, ela sempre está voltada para fora, de modo que a imagem se apresenta como sendo "um certo tipo de consciência" (ARRUDA, 1994, p. 80). Isto é, a percepção de um determinado objeto e sua imagem trazida à consciência posteriormente são idênticos, diferenciando-se apenas no modo como a consciência se relaciona, pois ambos os modos intencionam objetos que estão fora dela, diferentemente das concepções da época provenientes da Modernidade, onde se acreditava que a imagem era uma cópia interna de algo externo:

Na realidade, quer eu perceba, quer eu imagine a cadeira de palha na qual estou sentado, ela permanece sempre fora de minha consciência. Nos dois casos, ela está ali, *no* espaço, nesta peça, em frente à escrivaninha. Ora - isto, antes de tudo, é o que nos ensina a reflexão -, quer eu perceba, quer eu imagine essa cadeira, o objeto de minha percepção e o de minha imagem são idênticos: é a cadeira de palha na qual estou sentado. Simplesmente a consciência se *relaciona* com essa mesma cadeira de dois modos diferentes [...] A palavra *imagem* não poderia, pois, designar nada mais que a relação da consciência ao objeto; dito de outra forma, é um certo modo que o objeto tem de aparecer à consciência ou, se preferirmos, um certo modo que a consciência tem de se dar um objeto (SARTRE, 1996, p. 19, grifos do autor).

No entanto, se para Sartre a imagem é identificada como sendo um modo da consciência se relacionar com o objeto intencionado, este mesmo modo possui uma

particularidade até então não abordada pelas teorias da época, a saber, a relação da imagem com o conceito de ausência: "A primeira característica do objeto imagem é que ele se apresenta na sua essência como ausência, isto é, a consciência imaginária me remete a um objeto ausente que foi anteriormente percebido" (ARRUDA, 1994, p. 80). Tal postura remete ao papel que Sartre atribui a percepção das coisas existentes e a faculdade imaginativa presente no homem. Vimos que por meio do conceito de intencionalidade toda consciência é consciência de algo, no sentido de que perceber um objeto e imaginá-lo posteriormente refletem duas maneiras distintas da consciência atuar.

Entretanto, a diferença que leva à questão da ausência diz respeito ao modo como ela percebe um objeto e o intenciona em uma imagem posterior. Segundo Rita Paiva:

Posto que existe um mundo real, que não é obra da consciência, a imaginação pode engendrar um mundo outro que se instaura no plano da irrealidade [...]. Há na percepção uma submissão da consciência à existência autônoma do objeto, o qual é reproduzido passivamente em sua condição de coisa, visto que a concretude de sua existência ocorre à sua revelia. Outra é a relação entre a consciência e objeto configurado na imaginação. Aqui a atividade da consciência instaura de forma criativa e livre a existência do objeto cujo aparecimento está atrelado às escolhas desta mesma consciência que o engendra (PAIVA, 2005, 129).

Em outras palavras, se por meio da percepção notamos uma realidade já dada independente à consciência, o ato da imaginação possui um papel criador no sentido de que ela concebe realidade a algo que não mais necessita estar no campo perceptivo: "O objeto intencional da consciência imaginante tem isto de particular: que ele não está aí e é posto como tal [...]" (SARTRE, 1994, p. 27). Contudo, essa irrealidade da imaginação não carrega em si a conotação de ilusão ou erro, como vinha sendo perpetuada pela tradição filosófica desde Descartes. Novamente, em ambos os modos pelos quais a consciência se relaciona com os objetos, perceptivo e imaginativo, a intencionalidade é o movimento que os sustenta, havendo então apenas uma diferença de natureza e não de qualidade entre os objetos intencionados:

Portanto, este objeto-imagem não é uma ficção nem uma ilusão, é um objeto de conteúdo material, possui um conteúdo. A imagem é uma realidade que não se confunde com a realidade em "carne e osso" do objeto da percepção. Mas nem por isso deixa de ser uma realidade, só que de outra natureza (ARRUDA, 1994, p. 80).

Nota-se que a proposta fenomenológica de Sartre trouxe uma nova abordagem ao estudo da imagem e da função imaginativa, onde estas não são mais identificadas como "simulacro, desvio, equívoco" ou inferiores "ao pensamento racional", mas sim uma "forma

outra de pensamento ou consciência" (PAIVA, 2005, p. 128). Em contrapartida, a análise efetuada pelo filósofo francês traz também alguns pontos limitadores em relação ao tema, por exemplo, no que diz respeito ao aspecto criador da imaginação. Ao atribuir uma diferença de natureza entre o percebido e o imaginado, Sartre outorga autonomia ao campo da imaginação, mas ao mesmo tempo esta autonomia de criação é limitada, pois não há nada de novo na imagem criada, visto que ela está sempre atrelada a um objeto já percebido:

O ato pelo qual a consciência gera a imagem é autônomo, mas a imagem está atrelada a um objeto, seja ele real ou não. Ela não inaugura objetos inéditos. Ao contrário, reincorpora elementos da percepção e da memória para constituir-lo (PAIVA, 2005, p. 131).

Não obstante, esta é uma das críticas que Gilbert Durand tece a respeito da análise de Sartre. Para Durand, ocorre certa desvalorização da imagem e do imaginário na obra de Sartre por esta não corresponder aos aspectos psicológicos e culturais que a imagem abarca em sua constituição. Ao falar da obra sartriana *O imaginário*, que abordamos acima, ele é enfático quando afirma que:

[...] à medida que os capítulos avançam, a imagem e o papel da imaginação parecem volatilizar-se e chegar definitivamente a uma total desvalorização do imaginário, desvalorização que não corresponde, de modo nenhum, ao papel efetivo que a imagem desempenha no campo das motivações psicológicas e culturais (DURAND 2002, p. 24).

Passemos então ao pensamento de Durand para compreendermos melhor sua crítica.

Durand e a estrutura simbólica da imagem

Antropólogo, fundador do Centro de Pesquisas sobre o Imaginário na França e discípulo de Gaston Bachelard, Gilbert Durand figura entre os principais pensadores do século passado que ampliaram as concepções sobre a imagem e o imaginário. Sendo autor de diversas obras sobre o tema, daremos atenção àquela que é considerada uma das mais importantes, intitulada *As estruturas antropológicas do imaginário* (1992). Durand inicia este livro apontando para o modo negativo com que a tradição ocidental sempre abordou a questão da imagem e o papel da imaginação:

O pensamento ocidental e especialmente a filosofia francesa têm por constante tradição desvalorizar ontologicamente a imagem e psicologicamente a função da imaginação, "fomentadora de erros e falsidades" (DURAND, 2002, p. 21).

Para o antropólogo, o problema das correntes que até então haviam estudado o imaginário encontrava-se no modo de abordar a imagem. Todas estas, incluindo a análise de

Sartre, criticada por Durand, partilham de certas características. Por exemplo, prezam e tomam como ponto de partida ou o contato direto com o campo exterior ao sujeito, ou elementos inteiramente psíquicos, como a psicanálise e sua lógica de recalçamento:

Nessas teorias intelectualistas, o que chama a atenção, em primeiro lugar, é o equívoco da concepção da imagem, estreitamente empirista e tanto mais empirista quanto a querem desacreditar a fim de a separar de um pensamento puramente lógico [...]. A psicanálise deve libertar-se da obsessão do recalçamento, porque existe, como se pode verificar nas experiências de sonhos provocados, todo um simbolismo independente do recalçamento (DURAND, 2002, pp. 28;39).

Com isso, Durand entende que antes de se iniciar um tratamento da imagem em que seja possível abarcá-la em toda sua complexidade, torna-se necessário efetuar uma crítica a respeito destas abordagens (DURAND, 2002, p. 33) que se caracterizam por manter uma postura redutora perante a imagem e ao imaginário. Posicionando-se contra estas correntes redutoras, Durand compreende o imaginário do ser humano não como sinônimo de erro ou ilusão, mas sim como "*o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens - aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano*" (DURAND, 2002, p. 18, grifos do autor).

Essa postura encontra fundamento na metodologia adotada por Durand, onde ele primeiramente enxerga o imaginário estando atrelado ao sujeito possuidor da capacidade imagética e entendendo este último como "complexo" e "não redutível a suas percepções" (WUNENBURGER, 2007, p. 20). Entretanto, mesmo estando o imaginário ligado a este sujeito que é muito mais do que sua capacidade perceptiva, isto não significa que o conteúdo das imagens seja algo arbitrário, pelo contrário, há "uma lógica, uma estruturação, que faz do imaginário 'mundo' de representações" (WUNENBURGER, 2007, p. 20).

Em decorrência disso, é importante lembrarmos que essa lógica não se assemelha àquela de cunho intelectualista, visto que Durand trabalha com a perspectiva a partir de seu "trajeto antropológico", entendido como um trajeto que se inicia "a nível neurobiológico, para se estender ao nível cultural" (ARAÚJO; TEIXEIRA, 2009, p. 09). Mais particularmente, ao rejeitar as correntes que prezam por uma postura entre os dois extremos já citados, externo e psíquico, Durand quer evidenciar o fato de que as imagens e, conseqüentemente, a constituição de um imaginário se formam através de um movimento entre o sujeito e seu ambiente:

O que significa que a figuração simbólica, ou o pensamento, figurativo, enquanto imagem pregnante de conteúdo, é produzida pelos desejos e impressões do sujeito, ou seja, explica-se pelas referidas acomodações anteriores do indivíduo que, necessariamente, repousam no equilíbrio entre a assimilação da sua vida afectivo-subjectiva e os estímulos do meio (ARAÚJO; TEIXEIRA, 2009, p. 09).

Por sua vez, Durand enfatiza o movimento constituidor do imaginário e estende sua presença chegando ao conteúdo das diversas formas que o partilham, como a "psicanálise, obras artísticas, mitos religiosos, etc." (WUNENBURGER, 2007, p.38), sendo neste último onde as imagens encontram uma "expressão privilegiada" (ARAÚJO; TEIXEIRA, 2009, p. 09), pois o antropólogo francês entende que a relação entre os mitos e o imaginário expressam os elementos que compõem o comportamento específico de nossa espécie. (DURAND, 2002, p. 429).

Nota-se então que, para Durand, as imagens e o imaginário constituem além de uma dimensão simbólica que se forma "em todos os sectores e em todos os ambientes da actividade humana [...]" (DURAND, 1993, p. 74)², uma maneira intrínseca ao ser do homem no mundo. Dito de outra forma, Durand entende que a faculdade imaginativa presente em nós e que é expressa nas mais diversas construções do pensamento humano revela uma "vocação ontológica" (DURAND, 2002, p. 431), uma qualidade que faz parte de nossa mais íntima constituição e que por meio dela o mundo é transformado a partir de uma "imaginação criadora" (DURAND, 2002, p. 432). Portanto, diferentemente de Sartre, Durand efetua em seu trajeto antropológico uma leitura da imagem por um viés mais compreensivo, onde busca o seu sentido e significado simbólico para além dela mesma, em sua estrutura, não muito diferente do historiador romeno Mircea Eliade, que realiza não só uma leitura parecida, mas contribui também com um avanço significativo acerca da dimensão ontológica da imagem em sua relação com o sagrado.

Eliade e a dimensão do sagrado nas imagens

A relação entre imagem e religião constitui uma das muitas bases da linguagem religiosa. Conforme Paulo Nogueira nos diz, as manifestações religiosas dificilmente encontram na linguagem conceitual um meio por onde podem ser expressas. Em contrapartida, adquirem por meio dos símbolos e das imagens uma capacidade expressiva muito mais ampla:

² Tendo em vista a tradução portuguesa da obra, optamos por não alterá-la.

Se, por um lado, a experiência religiosa tal como vivenciada pelo homem religioso não se vê devidamente traduzida pela linguagem, por outro lado, ela é representada pelo mesmo sujeito por meio de imagens, diálogos e sussurros internos, gestos e palavras, mesmo que em línguas indecifráveis (NOGUEIRA, 2013, p. 443).

A relação entre imagem e pensamento religioso foi ampliada de modo significativo pelos estudos do romeno Mircea Eliade. No período em que se encontrava, Eliade presenciou o surgimento das ciências humanas e, conseqüentemente, o massivo repertório de elementos que se tornaram objetos de pesquisa destas novas ciências. Dentre eles, a imagem entendida como expressão da imaginação simbólica religiosa encontrou na antropologia, na etnologia e até mesmo na psicanálise uma autonomia não vista desde o período Moderno. Logo, conforme o próprio Eliade nos diz, no início do século XX o estudo dos mitos, por exemplo, perde a alcunha de fábula ou erro e passa a ser compreendido como uma narrativa repleta de símbolos e imagens sagradas:

Há mais de meio século, os eruditos passaram a estudar o mito por uma perspectiva que contrasta sensivelmente com a do século XIX, por exemplo. Ao invés de tratar, como seus predecessores, o mito na acepção usual do termo, i.e., como "fábula", "invenção", "ficção", eles o aceitaram tal qual era compreendido pelas sociedades arcaicas, onde o mito designa, ao contrário, uma "história verdadeira" e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo (ELIADE, 2013, p. 6).

De fato, a abertura ao estudo das narrativas sagradas sem reducionismos possibilitou uma abordagem mais vasta acerca das imagens contidas em tais relatos, de modo que Eliade parte dos estudos comparados de numerosas religiões para então elaborar diversos estudos onde a primazia dada às imagens e aos símbolos constitui o substrato de sua obra. Em um de seus livros intitulado *Imagens e Símbolos* (1952), Eliade aborda justamente este ponto sobre o impulso que o estudo das imagens e dos símbolos recebeu no início do século passado, em especial sob a ótica da psicanálise: "A surpreendente voga da psicanálise fez a fortuna de certas palavras-chave: imagem, símbolo, simbolismo tornaram-se desde então uma constante" (ELIADE, 2012, p. 5).

No entanto, ao destacar este quesito Eliade aponta também para o equívoco presente, segundo ele, na leitura que a psicanálise faz das imagens. Para o historiador romeno, o tratamento dado por Freud às imagens acaba por limitar o significado amplamente simbólico presente nestas, visto que são tomadas por ele em seu sentido literal. Eliade se utiliza então, a título de exemplo, de um dos conteúdos imagéticos mais propagados pelo criador da psicanálise, a saber, o complexo de Édipo, para mostrar a riqueza de significados presentes quando se efetua uma leitura compreensiva e não literal de determinada imagem:

A atração que sente o menino por sua mãe e seu corolário, o complexo de Édipo, só "chocam" quando traduzidos *tais quais*, em vez de serem apresentados, como se deve fazer, *enquanto Imagens*. Pois é a Imagem da Mãe que é verdadeira, e não a dessa ou daquela mãe [...] como queria Freud. É a Imagem da Mãe que revela - e apenas ela pode revelar - sua realidade e suas funções ao mesmo tempo cosmológicas, antropológicas e psicológicas. "Traduzir" as Imagens em termos concretos é uma operação vazia de sentido: certamente as Imagens englobam todas as alusões ao "concreto" descobertas por Freud, mas a realidade que elas tentam expressar não se esgota por tais referências ao "concreto" (ELIADE, 2012, p. 10-11 grifos do autor).

A crítica efetuada por Eliade está em total consonância com a sua posição acerca da capacidade imagética presente no ser humano. Ele nos chama a atenção para o fato de que mesmo sendo traduzidas e esvaziadas de seu sentido pleno em determinados momentos, as imagens, os símbolos e os mitos fazem parte de nossa vida espiritual, nunca podendo desaparecer de modo completo:

Começamos a compreender hoje algo que o século XIX não podia nem mesmo pressentir: que o símbolo, o mito, a imagem pertencem à substância da vida espiritual, que podemos camuflá-los, mutilá-los, degradá-los, mas que jamais poderemos extirpá-los (ELIADE, 2012, p.7).

É importante lembrarmos que a base desta vida espiritual constitui o que Eliade denomina como sendo uma das duas modalidades de ser no mundo: o modo profano e o modo sagrado (ELIADE, 2012, p. 20). O primeiro diz respeito ao homem moderno que alega serem estes mesmos mitos e símbolos superados pela razão, pelo avanço da ciência, mas que mesmo diante destes avanços ainda partilha de diversos mitos e imagens: "O homem moderno que se sente e se pretende a-religioso carrega ainda toda uma mitologia camuflada e numerosos ritualismos degradados" (ELIADE, 2012, p. 166).

Em contrapartida, o segundo modo diz respeito ao *homo religiosus* que Eliade primeiramente identifica no comportamento das sociedades arcaicas, mas que também se enquadra no comportamento do homem de modo geral (ELIADE, 2012, p.18; 20). Segundo Vitor Chaves de Souza, o *homo religiosus* "é o aspecto constitutivo da religião no humano, distinguindo o ser humano dos demais seres. É a capacidade natural de perceber aquilo que é sagrado, i.e., de perceber aquilo que é especial e diferente do ordinário, e de simbolizar" (SOUZA, 2014, p. 193).

Nota-se então que para Eliade as imagens não só participam e são constituintes da vida espiritual do ser humano e de sua relação com o sagrado, mas como também indicam um modo de ser no mundo, justamente por não serem criações arbitrárias e sim por revelarem "as mais secretas modalidades do ser" (ELIADE, 2012, p. 9). Em decorrência disto, ele amplia

suas observações sobre o poder criativo de nossa capacidade imaginativa ao afirmar que é pela imaginação que podemos ter acesso a tudo o que fica restrito à linguagem conceitual, sendo este acesso realizado justamente pelas imagens: "Ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade; pois as Imagens têm o poder e a missão de mostrar tudo o que permanece refratário ao conceito" (ELIADE, 2012, p. 16).

Portanto, podemos afirmar que no pensamento de Eliade a função imagética possui um papel revelador para o ser humano, estando presente no modo de ser profano e, principalmente, na relação com o sagrado. De fato, muitas vezes esta função imagética e seus correlatos são tratados de modo iconoclasta, por exemplo, no ofício da psicanálise, onde se busca levar as imagens para uma realidade concreta, não dando vazão para a dimensão simbólica presente nelas. Todavia, do mesmo modo que as maneiras redutoras de leitura das imagens não as exterminam, Eliade nos mostra, por meio do modo de ser sagrado atribuído ao *homo religiosus*, a presença de uma significação das imagens muito mais ampla do que a teia conceitual utilizada pelos diversos campos não religiosos, visto que nestes campos busca-se constantemente uma compreensão e uma explicação literal deste rico universo simbólico que deve ser, antes de tudo, compreendido.

Considerações finais

A escrita deste artigo teve por objetivo a exposição de algumas das diversas concepções de imagem e imaginário que surgiram no século passado, partindo de uma questão de cunho hermenêutico, a saber, sobre o modo de se interpretar nossa faculdade imagética, de modo que após nossa exposição, julgamos poder tecer algumas breves considerações. É certo que a imaginação, entendida como uma forma de conhecimento, remonta ao pensamento Antigo e Moderno.

Em ambos os casos, no entanto, era vista como um tipo inferior de conhecimento, onde se assemelhava à produção de cópias das ideias imutáveis e ao erro na busca por uma verdade indubitável. Todavia, no conturbado período contemporâneo este cenário passou a mudar devido a estudos importantíssimos realizados no campo da antropologia, dos estudos literários, artísticos, etc., onde uma nova postura foi adotada frente a esta propriedade inerente ao homem, compreendida agora como uma faculdade criadora, dotada de poder significativo e não mais como sinônimo de ilusão ou falsidade.

Por meio de nosso percurso procuramos expor esta nova postura a partir de dois ângulos: explicativo e compreensivo. No que diz respeito ao primeiro quesito, observamos no pensamento de Sartre uma postura explicativa por intermédio do método fenomenológico,

onde se busca uma descrição da imagem deixando de fora sua totalidade significativa. Nesta abordagem, a imagem representa um modo da consciência, não havendo uma diferença de qualidade entre o conteúdo percebido e o imaginado, mas apenas uma mudança na intencionalidade da atividade consciente, onde a imagem ora é percebida, ora é imaginada. Com isso, nota-se que nesta postura explicativa a imagem ganha certa autonomia ao ser atribuída como um modo de consciência e não mais como sinônimo de erro ou ilusão. Entretanto, esta mesma imagem não possui um caráter criador, mas apenas expressa o que já foi apreendido pela percepção.

No que concerne ao segundo ângulo de aproximação exposto em nosso trabalho, trouxemos as reflexões de dois pensadores do mesmo período, Durand e Eliade, cujo ponto de convergência entre eles encontra-se justamente na noção de que a imagem e o imaginário devem ser compreendidos à luz de sua significação simbólica. Dito de outra forma, para ambos os autores estes dois elementos constituem estruturas simbólicas que excedem o significado a que comumente são associados. Como no exemplo citado da psicanálise, as imagens sempre se direcionam para algo além delas próprias, constituindo um elemento chave no modo do ser humano simbolizar a realidade (*homo symbolicus*).

É certo que neste artigo apenas indicamos algumas das inúmeras possibilidades de reflexão no rico universo da interpretação imagética. No entanto, podemos concluir que mesmo entre o explicar e o compreender há um ponto de convergência, a saber, a experiência humana. Em outras palavras, a imagem, seja ela produto da percepção ou partilhada de modo simbólico, provém antes de tudo da experiência de estar no mundo. Como Heidegger nos diz, o ser humano é o único ente com abertura para o Ser, de modo que tal experiência está intrinsecamente atrelada ao processo criativo de novos conteúdos imagéticos, constituindo deste modo a base da linguagem visual.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Alberto Filipe; TEIXEIRA, M. C. S. Gilbert *Durand e a pedagogia do imaginário. Letras de Hoje*, Porto Alegre, Vol. 44, nº 4, p. 7-13, Out/Dez 2009. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/Texto-Alberto-e-Cec%C3%ADlia.pdf>> Acesso em: 01 Julho 2015.

ARRUDA, Francimar Duarte. *A questão do imaginário: a contribuição de Sartre. Em Aberto*, Brasília, Vol. 14 nº 61, p. 79-85, Jan/Mar de 1994. Disponível em:

<<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/913/819>> Acesso em 23 Junho 2015.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. 3º Ed. São Paulo: Martins Fontes

_____, *A imaginação simbólica*. Trad. Carlos Aboim de Brito. 1º Ed. Lisboa: Edições 70, 1993, 112 p.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. 2º Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013, 184 p.

_____, *Imagens e Símbolos - Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. Trad. Sonia Cristina Tamer. 1º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996, 178 p.

_____, *O Sagrado e o Profano - A essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. 3º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010, 191 p.

HIGUET, Etienne. Interpretação das imagens na teologia e nas ciências da religião. In: Nogueira, P. A. S. (org.), *Linguagens da Religião: Desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.69-106.

NOGUEIRA, Paulo A. S. *Linguagens Religiosas: Origem, estrutura e dinâmicas*. In PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Org.). *Compêndio de Ciência da Religião*. 1º Ed. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. 703p

PAIVA, Rita. *Subjetividade e imagem: a literatura como horizonte da filosofia em Henri Bergson*. 1º Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, Fapesp, 2005, 441 p.

SARTRE, Jean-Paul. *O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação*. Trad. Duda Machado. 1º Ed. São Paulo: Editora Ática, 2006, 254 p.

SOUZA, Vitor Chaves. *Mircea Eliade e pensamento ontológico arcaico*. 1º Ed. São Paulo: Factash Editora, 2014, 302 p.

WUNENBURG, Jean-Jacques. *O imaginário*. Trad. Maria Stela Gonçalves. 1º Ed. São Paulo: Edições Loyola, 103 p.